

## **Psicanálise & Homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica (Thamy Ayouch)**

### **Resenha**

---

Lucas Charafeddine Bulamah (IP-USP) <sup>1</sup>

Desde que Freud postulou a existência do inconsciente e da pulsão sexual, contra o primado da Razão e a concepção naturalizante do instinto sexual, a psicanálise apresentou-se como um saber e uma prática revolucionária, progressista e, até certa medida, libertadora. Lançou-se uma potencial torção nas bases do dispositivo médico-moral que classificava quaisquer outras formas de erotismo que não o *membrum hominis in vaginae feminae* como algo aberrante, descritas e catalogadas obsessivamente pelo discurso científico.

Em virtude de tal investida contra a naturalização e as categorias às quais nos acostumamos a pensar o homem e suas classificações, é espantoso ver que alguns psicanalistas, por vezes publicamente, desqualifiquem a homossexualidade como um erotismo aberrante, parado em algum ponto entre o autoerotismo e a genitalidade reprodutiva. Por que tomamos uma outra direção, tão distinta daquele início potencialmente revolucionário e o que podemos fazer para retomarmos tal ímpeto, perguntam-se alguns psicanalistas contemporâneos.

Em *Psicanálise & homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica*, Thamy Ayouch (2015) posiciona-se entre tais psicanalistas. O trabalho estrutura-se em torno da seguinte hipótese: “uma visão meramente intrapsíquica do sexual-infantil, desvinculada da relação social e do contexto histórico, dá lugar a uma concepção normalizadora da sexualidade que esquece a sua determinação histórica, instituindo dessa maneira uma norma e patologias” (p. 16), e o leitor acompanhará o autor durante um percurso curto e bastante denso por um mapa para a reflexão sobre como a psicanálise, desde Freud até os contemporâneos, abordou a questão das homossexualidades. Todavia, tal questão é apenas uma fenda por onde enxergamos, em níveis mais profundos, a relação da psicanálise com os discursos e jogos de poder em tornos dos quais se estruturou ora em oposição crítica, ora em concordância. Por isso não deve estranhar que Ayouch revise um vasto conteúdo acerca do que hoje se pensa em termos de estudos de gênero e sexualidade, não apenas a homossexualidade. Todavia, é devido a este intuito e sua execução que o livro perde em profundidade e deixa em aberto diversas questões e instrumentos conceituais que merecem ser abordados de forma mais detida. Considerando apenas dois exemplos, a ideia de sexuação é fundamental para as discussões atuais entre os estudos de gênero e a psicanálise, e no livro é empregado como se quase fosse auto intuitivo, e há também o uso de fontes secundárias para a ancoragem de argumentos acerca da história da psicanálise, que devido à importância dos fatos em questão, resulta

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. E-mail: bulamah@gmail.com

excessivo. Não se deve deixar de considerar também que o livro tem numerosos erros de revisão que dificultam e por vezes impedem a compreensão de certas passagens.

Na hipótese acima exposta, defendida pelo autor, temos as duas grandes esferas que se chocam no percurso da obra, a saber, por um lado o fluxo da história, das ideias e das práticas, e por outro a instituição da normalização. A partir disso, a questão que parece orientar o seguimento do livro é acerca de que tipo de psicanálise resta a partir da negação da história e do alinhamento às forças reguladoras da sociedade e da cultura. Uma das respostas é justamente a que empresta o título ao livro: o tratamento derrisório dado às homossexualidades na teoria e na clínica psicanalítica, tornada, ao longo de sua história, uma efetora eficiente da biopolítica.

Acerca dessa problemática, Freud tentava responder a questões que o vivo encontro clínico com seus pacientes apresentava, resultando em teorizações igualmente complexas e multi-estratificadas, por um lado, e por outro, homossexualidades quase tão diversas quanto os casos que atendia. Se, apesar da radicalidade de muitos de seus postulados, Freud não escapou do esforço de tentar encontrar uma lógica compreensiva para a homossexualidade dentro do espaço conceitual da disciplina que fundava, seu tom – e sua atitude política, como destaca Ayouch – para com os homossexuais é completamente diferente de grande parte de seus herdeiros. Por vezes destilando preconceitos e uma hostilidade quase nunca vista sequer nos moralistas e psiquiatras que antecederam Freud, a posteridade freudiana tomou o caminho de uma verdadeira demonização da homossexualidade. O leitor pode sentir-se surpreso tanto pela violência dos enunciados quanto pelo esforço nauseabundo que a comunidade psicanalítica despendeu no intuito de “resolver o problema da homossexualidade”, o que muitas vezes foi feito com terapias de cura, entendida como a reorientação do desejo homossexual ao heterossexual... por psicanalistas! O sarcasmo indisfarçado de Ayouch, ao reproduzir tais enunciados, é compreensível dado o grau de preconceito e violência proferidos por tais psicanalistas.

Aplica-se aqui a frase da escritora norte-americana Toni Morrison: “A linguagem opressiva faz mais do que representar a violência; ela é a própria violência; faz mais que representar os limites do conhecimento; ela limita o conhecimento”. Frente ao empobrecimento do campo psicanalítico no âmbito mesmo de seu material de trabalho mais fundamental, a sexualidade plural e não redutível a identidades pretensamente compreensivas, Ayouch escala, no último terço de seu livro, duas figuras de peso para uma crítica da psicanálise. E o autor destaca: uma crítica à psicanálise que é ela própria psicanalítica.

As duas figuras trazidas à discussão por Ayouch são Michel Foucault e Judith Butler. Foucault lançou as bases dos *Gay and Lesbian* e *Queer studies* ao apresentar que as práticas sociais e as identidades não são apenas tipificadas e reguladas pelo poder através dos discursos e seus efeitos de verdade disponíveis em cada época, mas os sujeitos eles próprios são *produzidos* por esse poder. É por isso que afirma que o “homossexual” é uma realidade bastante recente, algo que antes era o efector de uma prática tornou-se, com o advento da biopolítica e do controle dos corpos, uma identidade, uma história de vida com uma realidade psíquica particular – coisa para a qual a própria psicanálise contribuiu. Butler avançou o gesto foucaultiano para a esfera dos estudos de gênero, ao postular que não haveria nada essencialmente feminino ou masculino tanto no que

chamamos de gênero – algo construído pela cultura e pelos discursos – quanto no que chamamos de sexo – o suposto substrato biológico, material, e não construído pela cultura –, mas apenas uma ilusão de essência sedimentada pela repetição performática das normas sociais.

E devemos perguntar: por que tal crítica seria ela própria psicanalítica? Quando Foucault e Butler denunciam os dispositivos e jogos de poder por trás das forças normalizadoras, produtoras subjetividades categorizadas de forma tipológica e essencialista pelos saberes especializados da biopolítica, seus gestos são equânimes à postulação do inconsciente e da sexualidade feita por Freud. E Ayouch sinaliza que a psicanálise só tem a ganhar com a abertura às contribuições de outras disciplinas, neste contexto notadamente os *Gay and Lesbian* e *Queer studies*, representados de modo eminente por Judith Butler. Ora, aos leitores de Freud deveria ser evidente que tal procura pela ampliação do campo do saber e da crítica através da incursão por outras disciplinas é parte fundante da psicanálise, e para isto basta mais uma olhada nos *Três ensaios*. Para sua conclusão de que o material que une pulsão aos objetos é apenas uma solda, Freud, além de basear sua argumentação na variedade do erotismo entre os gregos, revela-se muito mais inclinado a concordar com um antropólogo contemporâneo seu, Iwan Bloch, o qual demonstrava o quão variável eram as práticas sexuais entre as diversas etnias e localidades, do que com os juízos simplistas do psiquiatra Richard von Krafft-Ebing acerca do instinto sexual e suas perversões.

A psicanálise não deveria ser um saber encastelado, protegido contra detratores e inimigos por um arcabouço conceitual, técnico e moral aliado à biopolítica e suas forças reguladoras. Aparentemente, para sua própria sobrevivência enquanto instituição, aliou-se ao *mainstream* e com isso, durante pelo menos meio século, ganhou em prestígio e reserva de mercado. Todavia, ocupar tal lugar é ocupar uma posição paranoica que, ao mesmo tempo em que se vê imbuída da missão de normalizar a sociedade, vê suas fronteiras ameaçadas pelos mesmos “anormais” que desejam eliminar. E como Freud já havia percebido, é evidente a atuação de uma operação projetiva de conteúdos internos indesejáveis nos objetos do exterior, produzindo bodes expiatórios. A leitura de *Psicanálise & homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica* traz elementos para iniciar uma frutífera reflexão acerca das razões históricas dessa operação, bem como indicações potenciais de como e por quais caminhos resgatar à psicanálise sua especificidade crítica e transformadora.

### Referência

Thamy Ayouch (2015). *Psicanálise & Homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica*. São Paulo: CRV.

Submetido em 15/02/2015

Aceito em 01/04/2015